



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E SUAS NUANCES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CLÁUDIA LAIS COSTA DA SILVA

LENALDA DIAS DOS SANTOS

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

RESUMO O presente artigo propõe uma reflexão sobre a compreensão dos processos de alfabetização e letramento, tratando da origem, conceitos e especificidades de cada um desses processos educacionais. Procura também de diferenciá-los, para que essas especificidades possam ser compreendidas com clareza, ressaltando que são processos diferentes, porém, que devem ser trabalhados juntos, um contemplando o outro, para que se obtenha sucesso na formação inicial dos alunos do ensino fundamental. É analisado o conceito de analfabetismo funcional, suas conseqüências e como este se encontra no Brasil, cujos dados mostram uma triste realidade. O texto tem como proposta não só a construção desses conceitos abordados, como também expõe as contribuições que a junção desses dois processos (alfabetização e letramento) trazem para a educação. Acredita-se que o letramento constitui-se em um instrumento para melhores resultados na formação das crianças que saem das séries iniciais do ensino fundamental, o que contribuirá para diminuir os altos e vergonhosos índices de analfabetismo funcional no Brasil. **PALAVRAS CHAVE:** Alfabetização. Letramento. Ensino-aprendizagem. Proposta didática. **ABSTRACT** This article proposes a reflection on the understanding of literacy and literacy processes, dealing with the origin, concepts and specificities of each of these educational processes. Also seeks to differentiate them so that these specifics can be understood clearly, emphasizing that are different processes, however, that must be worked together, one looking at the other, in order to obtain success in the initial training of elementary school students. It analyzed the concept of functional illiteracy, its consequences and how it is in Brazil, whose data show a sad reality. The text has the purpose not only the construction of these concepts discussed, but also exposes the contributions

that the combination of these two processes (literacy and literacy) bring to education. It is believed that literacy is in an instrument for better results in the formation of children coming out of the lower grades of elementary school, which will help to reduce the ups and shameful functional illiteracy rates in Brazil. **KEY WORDS:** Literacy. Literacy. Teaching and learning. Proposal didactic.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E SUAS NUANCES NA EDUCAÇÃO INFANTIL RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a compreensão dos processos de alfabetização e letramento, tratando da origem, conceitos e especificidades de cada um desses processos educacionais. Procura também de diferenciá-los, para que essas especificidades possam ser compreendidas com clareza, ressaltando que são processos diferentes, porém, que devem ser trabalhados juntos, um contemplando o outro, para que se obtenha sucesso na formação inicial dos alunos do ensino fundamental. É analisado o conceito de analfabetismo funcional, suas conseqüências e como este se encontra no Brasil, cujos dados mostram uma triste realidade. O texto tem como proposta não só a construção desses conceitos abordados, como também expõe as contribuições que a junção desses dois processos (alfabetização e letramento) trazem para a educação. Acredita-se que o letramento constitui-se em um instrumento para melhores resultados na formação das crianças que saem das séries iniciais do ensino fundamental, o que contribuirá para diminuir os altos e vergonhosos índices de analfabetismo funcional no Brasil. **PALAVRAS**

CHAVE: Alfabetização. Letramento. Ensino-aprendizagem. Proposta didática. **ABSTRACT** This article proposes a reflection on the understanding of literacy and literacy processes, dealing with the origin, concepts and specificities of each of these educational processes. Also seeks to differentiate them so that these specifics can be understood clearly, emphasizing that are different processes, however, that must be worked together, one looking at the other, in order to obtain success in the initial training of elementary school students. It analyzed the concept of functional illiteracy, its consequences and how it is in Brazil, whose data show a sad reality. The text has the purpose not only the construction of these concepts discussed, but also exposes the contributions that the combination of these two processes (literacy and literacy) bring to education. It is believed that literacy is in an instrument for better results in the formation of children coming out of the lower grades of elementary school, which will help to reduce the ups and shameful functional illiteracy rates in Brazil. **KEY WORDS:** Literacy. Literacy. Teaching and learning. Proposal didactic.

1 INTRODUÇÃO A educação é um processo amplo e complexo que abrange diversos sujeitos em diferentes modalidades de aprendizagem, que distingue e personaliza esse jeito de aprender. A aprendizagem é um processo contínuo de construção e superação do não - aprender temporário. É fundamental ao pedagogo conhecer a bagagem que cada sujeito cognitivo construiu, para compreender suas estruturas mentais e seu modo de reflexão, tentando evoluir de um quadro mais simples e menos consistente para elaborações superiores. Esta construção de conhecimento

implica numa inter-relação entre sujeitos, para que, num espaço de confiança, juntos possam recriar o conhecimento. Para que haja aprendizagem o vínculo professor e aluno precisa estar fortalecido. Primeiramente, o aluno deve alçar seu professor a um lugar de admiração, de modelo ideal, com identificação e fascínio pela relação pedagógica. E, em segundo lugar, o professor deve tratar seu aluno com respeito, despido de todas as suas certezas, sem ostentar sua posição de “dono da verdade”, nem de onipotente, para aberto à curiosidade e às descobertas do aluno, numa relação horizontal, construir um processo de trocas de desejos, de aprendizagem. De acordo com Fernández, “não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar”. (1991, p.52). Desta forma, a aprendizagem envolve inúmeras características, sendo necessário uma identificação e uma relação prazerosa, tanto com o conhecimento, como também com o educador, num processo dinâmico, ativo e contínuo; pois aprendemos desde o nascimento até a morte. O aprender envolve diferentes aspectos, competências e habilidades múltiplas. É também um processo pessoal, de forma que cada um aprende e deve buscar seu auto-aperfeiçoamento, sendo também, gradativo e ascendente; pois em nossa trajetória vamos incorporando novas experiências e novos saberes de maneira a ajustar estes conhecimentos com os que já possuíamos. O aprendizado de um sujeito é uma tarefa em constante modificação. Seu conceito já sofreu diversas alterações de acordo com as suas experiências na sociedade e o anseio carregado com o mesmo. O professor que ensinar por mera ação, de repetição, desqualifica todo o espaço educativo, que é o espaço de relação. Na alfabetização, ler e escrever por saber apenas, por estar meramente alfabetizado aponta para um índice quantitativo, diferente de quem realmente se beneficia deste conhecimento e o utiliza diariamente, tornando esse processo qualitativo e significativo. Alfabetizar, também é um processo político, que promove a cidadania, a autonomia, quando for praticada com lucidez, pois oferece condições aos educandos de construir sua bagagem de conhecimentos num contexto mais amplo, sendo esse refletido e apreendido pela complexidade das interações múltiplas que os ambientes, as pessoas e os objetos implicam. Nesse sentido, a intenção é esclarecer o que é alfabetização e letramento, que é muito confundido, ainda hoje por muitos da nossa sociedade. Este trabalho visa a contribuir para a compreensão dos processos de alfabetização e letramento de crianças na Educação Infantil. Destina-se também para aqueles profissionais que já estão atuando nas primeiras séries do ensino fundamental na perspectiva de trazer contribuições para sua prática pedagógica. O tema dessa pesquisa é algo que transita não só nas preocupações dos professores, que lidam diretamente com o processo de alfabetização, mas também de estudiosos e pesquisadores para a vida social e escolar do estudante, principalmente nas sociedades em que há uma valorização da língua na modalidade escrita. Utilizar a língua escrita é uma cobrança da sociedade em busca de uma palavra na qual a maioria das atividades gira em torno da leitura e da escrita. É preciso ter em mente que a alfabetização e o letramento não podem e não devem ser

responsabilidade exclusiva do professor alfabetizador, mas sim de toda a escola, inclusive do gestor escolar. Este deve ter o mínimo de conhecimento do processo de aquisição da escrita e da leitura para criar medidas administrativas, de planejamento e de organização da dinâmica pedagógica que possibilitem bons resultados. **2.0 CONCEITANDO A ALFABETIZAÇÃO** A Alfabetização é um processo complexo ligado à construção do conhecimento. Atualmente, este conceito está sendo desdobrado aliado a outras áreas do conhecimento, por exemplo: Alfabetização Musical, Alfabetização Matemática, Alfabetização em Informática, além da sua origem que era para designar a aquisição da leitura e da escrita formal. Alfabetizar é um conceito amplo, portanto, torna-se fundamental compreender as várias concepções que o envolvem. Diversos são os teóricos que analisaram este processo, são indispensáveis as abordagens do neuropsicólogo Luria sobre mediação cultural, do desenvolvimento, pensamento e linguagem de Vygotsky, das teorias da evolução da escrita de Ferreiro, estas embasadas na Epistemologia Genética de Piaget, e de Freire sobre a educação cidadã e popular. Tratando especificamente da alfabetização temos: Mary Kato, Esther Pilar Grossi, Ângela Kleiman, Magda Soares, entre outros. Inicialmente, o ato de alfabetizar era considerado como um processo de decodificação, ou seja, que através de mecanismos repetitivos o aluno iria decorar os códigos, ou letras para simultaneamente ler e escrever. Esta ideia foi colocada em crise a partir das diversas pesquisas e investigações que vêm ocorrendo na área da linguagem e no entendimento de como construímos o conhecimento. Atualmente, a alfabetização não é vista como algo desconexo do mundo, ela envolve um processo de construção de conhecimentos, e carrega a pretensão de reconhecer os educandos como sujeitos autônomos, críticos na sociedade para serem sujeitos ativos, que possuam a competência de transformar a sociedade, para que seja mais justa, igualitária e cidadã.

Segundo Ferreiro e Teberosky,

A posição que sustentamos reiteradamente é que o marco da teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget é apto para compreender os processos de apropriação de conhecimentos envolvidos na aprendizagem da lecto-escrita. Dizemos apropriação do conhecimento, e não aprendizagem de uma técnica. Contudo o que essa apropriação significa aqui como em qualquer outro domínio da atividade cognitiva: um processo ativo de reconstrução por parte do sujeito que não pode se apropriar verdadeiramente de um conhecimento senão quando compreendeu seu modo de produção, quer dizer, quando o reconstituiu internamente. (1985, p. 275).

Isso quer dizer, que cada sujeito deve reconstruir o processo de leitura e escrita percorrido pela humanidade de forma pessoal e original. Cada educando possui diferentes interações com o código escrito e, dependendo do seu uso social, a criança elabora hipóteses que juntamente com as experiências vividas, enriquecem e significam o processo. É por isso que se enfatiza a importância de que as crianças entrem em contato com o uso social da leitura e da escrita, reconhecendo a função social da linguagem. Para Vygotski a aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento e só acontece quando o sujeito está envolvido num grupo ou meio cultural. A partir das experiências vivenciadas por cada indivíduo, o significado de uma palavra pode carregar sentidos diferentes a

partir de uma situação que ela vivencia, a experiência individual é mais complexa do que a generalização que se apresenta nos signos. Neste processo de alfabetização, o sujeito-alfabetizando precisa ser permeado por situações de conflitos singulares que para uns poderá ser essencial, enquanto outros o consideram desnecessário, pois não há uma linearidade e uma uniformidade nas vivências e na identidade de cada sujeito. A estas inquietações podemos agregar os estudos da Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro (1985), que vieram estabelecer níveis progressivos para o desenvolvimento da escrita e que ajudam a melhor identificar a etapa vivenciada por cada sujeito em determinado espaço de tempo. O professor que reconhece estes estudos bem como, se apropriou de forma reflexiva do seu processo de alfabetização vivido enquanto aluno, pode melhor acompanhar os estágios e as individualidades de seus alunos, pelo fato de ver em seus educandos a sua experiência replicando-se. Essa situação de atualização de experiências vividas é explicada pela Psicologia, que menciona o fato do sujeito comumente poder transferir para uma situação ativa o que viveu em situação passiva, de modo que boas experiências de aprendizagem revertem numa possível relação amistosa para o aprender, e seu inverso também. O processo de alfabetização depende também das experiências prévias de cada alfabetizando, que acontecem antes mesmo da educação escolar, através das atividades não-formais que as crianças vivenciam e, assim, podem criar estratégias para tentar identificar, interpretar o que está no texto codificado pelas letras. Verificamos que as crianças quando estão mediante um texto, elaboram hipóteses e tem critérios investigativos, para descobrir e desvendar as informações que os jornais, os livros, as revistas, os outdoors, as placas, os rótulos comportam. Utilizam informações prévias como: tipo e tamanho de letra, se é colorida ou discreta, retiram indícios das gravuras que o texto traz e, assim, elaborando uma possível representação da mensagem. Todo este repertório de investigação está num processo mental reflexivo elaborado desde as primeiras noções que podem construir em torno da leitura, esse conjunto é o que constitui o contexto do universo de letramento, numa mútua implicação com a alfabetização.

Utilizamos a concepção teórica de Soares, para identificar as características do ato de ler: Dessa forma, ler entende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons sílabas isoladas, até habilidades de pensamento cognitivo e metacognitivo; inclui, entre outras habilidades, a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar o sentido de um texto escrito; a capacidade de interpretar seqüência de idéias ou acontecimentos, analogias, comparações, linguagem figurada e relações complexas, anáforas; e ainda habilidade de fazer predições iniciais sobre o significado do texto, de construir o significado combinando conhecimentos prévios com informações do texto, de controlar a compreensão e modificar as predições iniciais, quando necessário, de refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações. (2004, p.31).

Da mesma forma, ao escrever percorremos o caminho das predições, de interpretar e combinar significados, na tentativa de decifrar e se apropriar deste código escrito, o mais semelhante possível ao modelo convencional. É importante que estes passos iniciais ocorram com situações significativas, a exemplo da escrita do seu nome próprio e de seus familiares, amigos e colegas,

palavras e textos de seu interesse. Utilizando a abordagem teórica de Ferreiro, descrita por Kato, encontramos quatro diferentes níveis de escrita.

No nível Pré-Silábico a escrita não apresenta nenhuma correspondência sonora, isto é, que não fazem correspondência entre grafia e som. [...] No nível Silábico, a criança procura efetuar correspondência entre grafia e sílaba, geralmente uma grafia para cada sílaba o que não exclui alguns casos problemáticos derivados de exigências de quantidade mínima de letras. [...] No nível Silábico-Alfabético a sistematicidade da tarefa executada pela criança se dá no sentido de que cada grafia corresponde a um som. [...] No nível Alfabético, a escrita é organizada com base na correspondência entre grafias e fonemas. (FERREIRO, KATO, 1994, p. 55).

Na passagem de um nível de entendimento para outro superior está a essência da aprendizagem que, acompanhada pela re-construção de novas estruturas, novas hipóteses e esquemas de compreensão, fazem do aprender um processo contínuo, infindo em suas possibilidades, até mesmo, no processo de alfabetizar-se permanentemente em outros/novos textos e contextos. É indispensável que a partir desta concepção suponhamos que quanto maiores as vivências e mais qualitativas forem as interações com materiais escritos – o que compreende a construção de um mundo letrado de significado - maior facilidade terá a criança para compreender a alfabetização. Como também, se para a família a leitura e a escrita são atividades cotidianas, maior desejo terá a criança de construir este processo para compartilhar deste conhecimento comum na família. Caso contrário, a alfabetização poderá ser um processo lento, difícil que envolverá até “sofrimento” para reconhecer o valor e a função da leitura e da escrita como formas prazerosas de comunicação. Conforme Freire e Macedo, “alfabetização significa adquirir língua escrita através de um processo de construção do conhecimento, dentro de um contexto discursivo de interlocuções e interação, com uma visão crítica da realidade”. (1990, p. 17). É importante valorizar o envolvimento que o aluno-desejante do aprender dá ao processo de conhecimento, feito pela escolarização. Porque, ao reconhecer a alfabetização como processo que lhe permite autonomia no ser, fazer, conhecer e conviver[5], fica a possibilidade de associar-se à descoberta do prazer em aprender. Se o sujeito escolar aprender a conhecer, conseguirá de modo autônomo, aprender a aprender. Quando conseguir aprender a fazer, terá uma competência em experiências práticas. Ferreiro aborda que “aprender a ler e a escrever, em uma sociedade letrada, tem o significado de apropriação de poder, de um instrumento que permite participar na sociedade como um cidadão pleno, e não como cidadão pela metade”. (1990, p. 69). Este pensamento enfatiza o processo de autoria e de identidade que a alfabetização traz, que se opõem ao preconceito com os analfabetos, de serem sujeitos constituídos como sem identidade, “sem plenitude”, tidos como submissos, incapazes, à mercê da sociedade, sem condições de participar desta conquista comunicativa. Busco a concepção de Teberosky e Cardoso, “criar situações de aprendizagem significativas, partindo do nível conceitual real de cada criança, de seus conhecimentos, com o objetivo de que seja a própria criança quem elabore e desenvolva seu projeto, quem planeje e regule sua atividade”. (1993, p. 234). Cada alfabetizando torna-se protagonista de sua construção, mas ao alfabetizador é dado o

papel não de simples coadjuvante, porém de alguém que deve possuir competência para cumprir a tarefa de planejar, inventar situações e atividades a fim de que haja aprendizagem. O processo de alfabetização vai se concretizando pelas situações reais formadas e as tentativas que o aluno faz para acertar, cometendo falhas construtivas, melhorando sua forma de pensar, escrever e ler, com o auxílio da intervenção docente, num espaço social e colaborativo. Como dito antes, a conquista da alfabetização é mediada por hipóteses que revelam o constante processo de reformulação das descobertas discentes. **2.1 Conceito de Letramento** Antigamente, estar alfabetizado reduzia-se a ler e escrever o próprio nome. Mas, atualmente, com as constantes transformações, consideramos necessário à alfabetização não apenas em caráter de decodificação de palavras, desejamos a leitura de mundo, compreendendo, interpretando, utilizando em plenitude esse processo em nossa comunicação. Em virtude dessa complexidade no processo de alfabetização contemporâneo e suas consequências nos âmbitos sociais, culturais, cognitivos e na inserção social letrada, surgiu a necessidade de utilizar um termo diferente, inovador: Letramento. Etimologicamente, o termo Letramento vem da Língua Inglesa: literacy, que provem do termo littera, do Latim, significando letra, com o sufixo cy, que permite aliar a idéia de qualidade, condição de ser. Ou seja, Literacy ou Letramento é a condição de quem assume conhecer e aprender o mundo letrado. Para Soares, "Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita". (2001, p.18). Na escola precisamos ensinar com leituras e produções reais, significativas, assim como ouvimos para falar, devemos cumprir essa relação entre escrever para ser lido e ler para escrever melhor, utilizando a função prática da linguagem em nossa sociedade. A educação precisa ter uma finalidade concreta, para que também motive o desejo de aprender, ao cumprir seu propósito na comunicação. Na própria escola é construído o espaço da ação dos sujeitos para abrir possibilidades e ampliar os conhecimentos.

Para Kleiman,

A escola é, assim, um lugar social onde o contato com o sistema de escrita e com a ciência enquanto modalidade de construção de conhecimento se dá de forma sistemática e intensa, potencializando os efeitos desses outros aspectos culturais sobre os modos de pensamento. Além disso, na escola o conhecimento em si é objeto privilegiado da ação dos sujeitos envolvidos, dependentemente das ligações desse conhecimento com a vida imediata e com a experiência concreta dos sujeitos.

(KLEIMAN, 1995, p.156).

A concepção acima nos remete a uma reflexão sobre a mediação realizada na escola, que precisa ser sistemática, relacionada com as vivências dos educandos nos contextos que estão inseridos. A nossa realidade, infelizmente, tolera o processo mecânico de leitura e escrita. Uma aprendizagem qualitativa exige que saibamos ler e escrever exercendo as funções sociais, com um olhar crítico, um pensamento reflexivo. Aceitar a idéia de alfabetização como ato repetitivo é concordar com a sociedade excludente, não permitindo a autonomia e a respectiva humanização imprescindível para que cada sujeito sinta-se um cidadão em plenitude. Magda Soares aponta que

Alfabetização e letramento são, pois, processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto, são interdependentes e mesmo indissociáveis. A alfabetização - a aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, isto é, para a participação em práticas sociais de escrita, tanto assim que analfabetos podem ter um certo nível de letramento: não tendo adquirido a tecnologia da escrita, além disso, na concepção psicogenética de alfabetização que vigora atualmente, a tecnologia da escrita é aprendida não, como em concepções anteriores, com textos artificialmente para a aquisição das “técnicas” de leitura e de escrita, mas através de atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2003, p.92).

De acordo com a autora pode-se afirmar que um sujeito alfabetizado, pode não ser um sujeito letrado, por ter sua alfabetização construída num processo sem significado e reflexão. Muitos são analfabetos funcionais, que conhece simplesmente a decodificação da leitura e escrita, mas não a utiliza como função social. Da mesma maneira, podemos identificar que um sujeito letrado é aquele que usa socialmente as práticas letradas em seu convívio, conforme as demandas e necessidades que vivencia. É aquele que se apropria desse mecanismo e o utiliza em seu cotidiano, para orientar-se de maneira autônoma. Como educadores, é essencial que tenhamos comprometimento com o ser humano que pretendemos, queremos formar. Através de nossas práxis estará incutida a sociedade almejada. É fundamental aliar à nossa prática os ideais de transformação das desigualdades, a fim de que todos conquistem seus direitos de Educação, não apenas em acesso, mas em qualidade.

2.3 A inter-relação: Alfabetização e Letramento

Atualmente, entendemos a Alfabetização como um processo que se inicia muito antes do ingresso dos sujeitos na escola e não tem limite para terminar, pois no decorrer da vida continuamente estaremos nos alfabetizando. Nossa sociedade é letrada e está cercada de materiais escritos, conhecimentos socialmente construídos e que transitam no cotidiano de todos nós, ao qual devemos ter acesso e domínio. A alfabetização e o letramento são processos complementares, inter-relacionados, sendo que um facilita a aquisição e a importância do outro. Quanto mais entendemos a função social da linguagem, no uso da leitura e da escrita melhor será nosso nível de letramento. De acordo com Ribeiro, “Letramento - procura compreender a leitura e a escrita como práticas sociais complexas, desvendando sua diversidade, suas dimensões políticas e implicações ideológicas”. (2003, p.12). A escola, como espaço de aprendizagem, deve superar a manutenção da hegemonia social e abrir espaço para a promoção da igualdade que suporta a diferença, com uma educação transformadora e cidadã. Assim, precisa trabalhar a alfabetização com fascinação e encantamento, despertando o imaginário e a subjetividade, para que estes sujeitos ao longo da vida preservem seus hábitos de leitores e escritores, utilizando como função social sua capacidade de letrados. A sala de aula é um espaço de diversidade, cada sujeito traz seu repertório, sua bagagem cognitiva, e como alfabetizar é uma tarefa complexa com níveis diferenciados, nada melhor que oportunizar a interação e a riqueza das desigualdades, relacionando saberes entre professor(a) e alunos(as).

Os motivos dos alfabetizandos devem servir de motivação para os *alfabetizadores*. *Devem*

despertar-lhes o interesse e o desenvolvimento de atitudes no sentido de levar a sério a tarefa de alfabetizar, de pesquisar, de aprender, junto com eles, de entender a importância do planejamento e da organização da prática como extensão das exigências que são feitas nas práticas sociais mais amplas. (MOURA, 1999, p.213)

Moura (1999, p. 213) aponta que no processo de ensino-aprendizagem o educador deve partir dos interesses e realidade dos educandos, tendo comprometimento na sua atuação, uma vez que a relação entre alfabetizadores e alfabetizados deve partir do diálogo e do processo constante de construção do conhecimento como identidade mútua, por isso é fundamental que o educador se coloque como sujeito inconcluso, contraponto o caráter autoritário de uma educação bancária que repassa o conhecimento para quem não o tem.

Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e o caráter educativo do ato político esgotem a compreensão daquele processo e deste ato. Isto significa ser impossível, de um lado, como já salientei, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática política esvaziada de significação educativa. (Freire 1992, p.23)

A atuação dos educadores deve ter como referência uma leitura crítica da sociedade compreendendo o papel da educação nesta conjuntura, enfrentando atitudes ingênuas e neutras que negam seu sentido político. Por isso, abordamos o pensamento de Freire apontando que Além disso, o educador deve ter uma postura consciente sobre a necessidade da formação constante, do estudo e da reflexão sobre a sua prática. Buscando a partir das teorias a compreensão dos contextos históricos, sociais e culturais em que está centrado sua atuação, contribuindo para que o educando reflita e seja sujeito consciente desta realidade, atuando nela e transformando-a. **2.4 Os**

Métodos de Alfabetização Quando uma professora quer alfabetizar seus alunos alcançando seus objetivos, ela precisa de um método com o qual possa trabalhar dentro da realidade em que seus alunos se encontram, fazendo um trabalho lúdico e criativo. Mas, afinal o que seria um método?

Método seria a forma ou maneira de um professor direcionar suas aulas.

A palavra método tem sua origem no grego *méthodos* e diz respeito a caminho para chegar a um objetivo. Num sentido mais geral, refere-se a modo de agir, maneira de proceder, meio; em sentido mais específico, refere-se a planejamento de uma série de operações que se devem efetivar, prevendo inclusive erros estáveis, para se chegar a determinado fim. (Correa e Salch 2007, p. 10)

Explicando melhor, o que vem ser um método, Correa e Salch afirmam que: Ao pensar em alfabetizar é normal que venha a seguinte preocupação: qual é o melhor método para se trabalhar e alcançar os objetivos de uma alfabetização de qualidade?

A alfabetização não possui receita pronta em relação ao método, pois a forma de aprendizagem de uma criança pode ser diferente da outra. O método aplicado em uma turma pode não ter o mesmo resultado em outra. É importante lembrar que a criança não é só mais uma peça feita por uma empresa que possui um molde e produz todas as peças iguaiszinhas. É necessário utilizar um método, porém não se pode definir um como o melhor, ou mesmo único, pois o que pode ser bom para aprendizagem de uma criança pode ser ruim para outra, lembrando que quando se utiliza um

método e ele não traz bons resultados, deve-se partir para outro. Com relação ao pensamento de que o processo de alfabetização não possui um único método realmente eficaz ou uma receita pronta, uma especialista afirma que:

Quem se propõe a alfabetizar baseado ou não no construtivismo, deve ter um conhecimento básico sobre os princípios teórico-metodológico da alfabetização, para não ter que inventar a roda. Já não se espera que um método milagroso seja plenamente eficaz para todos. Tal receita não existe. (CARVALHO, 2008, p. 17).

Porém, muitos professores não têm conhecimento sobre os princípios metodológicos e nem sequer se aprofundam em estudos e formação continuada. Tendem a achar que o que é bom para um aluno pode ser bom para todos e acabam contribuindo para a construção do insucesso no processo de alfabetização inicial. Quando as crianças iniciam o processo de alfabetização inicial, estão repletas de curiosidade e disposição para se apropriar da leitura e escrita. Esse é o momento de estimulá-las mesmas para o hábito da leitura e contato com a escrita, e uma das maneiras é o professor ler em voz alta para elas todos os dias histórias, poemas, letras de música, textos, notícias de revista e jornais entre outros recursos. É de grande importância que o agente alfabetizador tenha realmente um compromisso para com o processo de alfabetização, dedicando-se e aprofundando-se em conhecimentos metodológicos da alfabetização. A falta de compromisso por parte do professor, em vez de estimular, pode na verdade, desestimular as curiosidades e a disposição das crianças. É importante também que os professores tenham consciência ao escolher o método de alfabetização, optando por um que faça sentido para a criança, mostrando a importância do ato de ler e escrever e que esteja dentro da realidade de seus alunos, sendo então de grande importância o papel do alfabetizador. Os métodos de alfabetização existentes podem ser classificados como métodos sintéticos e os métodos globais. Mas, para a aplicação dos mesmos, segundo Carvalho

Para a professora, seja qual for o método escolhido, o conhecimento das suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente. A boa aplicação técnica de um método exige prática, tempo e atenção para observar as reações das crianças, registrar os resultados, ver o que acontece no dia-a-dia e procurar soluções para os problemas dos alunos que não acompanham. (Carvalho 2008, p. 46)

Como existem vários métodos, cabe ao professor conhecê-los e escolher qual é a melhor forma de trabalhar esse processo de alfabetização inicial com seus alunos. É importante que antes da escolha do método, o professor conheça seus alunos. Pois, caso contrário, este pode ser um dos motivos para o insucesso do processo. **2.4.1 Métodos Sintéticos** Os métodos sintéticos partem da soletração para à consciência fonológica, e tem como objetivo que o aluno se torne alfabetizado a partir da decodificação dos sons que as letras têm, ou seja, o grafema fonema. A alfabetização através desses métodos partem de pequenas palavras e durante esse processo o professor pode escolher se vai fazer uso de cartilhas ou não. Em relação a esse método, Cagliari (1998 p. 25) afirma que: "partia-se do alfabeto para soletração e silabação, seguindo uma ordem hierárquica crescente de dificuldades, desde a letra até o texto". São métodos sintéticos: soletração, silabação,

método fônico, método da abelhinha e o da casinha feliz, todos eles quando aplicados pelo professor, partem ensinando da soletração para a consciência fonológica. Mas, para a aplicação desses métodos sintéticos é necessário cuidado, visto que o fonema, ou seja, o som de algumas letras quando junto de outras podem ter sons diferentes, sendo necessário então, trabalhar isso durante o processo de alfabetização. A aplicação desse método de alfabetização exige conhecimento da parte do professor para que não aconteçam falhas como acima foi citado. É importante lembrar que nem todas as crianças aprendem da mesma forma, esse método pode ser bom para umas crianças e ruim para outras, já que não se pode classificar esse método como a melhor e a única forma de se alfabetizar um aluno. **2.4.2 Métodos Analíticos ou Globais** Outros métodos de alfabetização são conhecidos como analíticos ou globais. Sua aplicação visa alfabetizar a criança a partir de histórias ou orações. Quando essa nova forma de se alfabetizar chegou ao Brasil exigiu uma grande mudança por parte dos professores, por serem muito diferentes dos métodos sintéticos, os globais possuem como objetivo alfabetizar a criança da parte maior para a menor, ou seja, dos textos ou orações para as letras. É o caminho inverso. Esse método de alfabetização é muito importante, pois, ensinando a criança a ler e escrever a partir de histórias, ela está estimulando o aluno a criar gosto pela leitura. Este é um dos pontos positivos para a aplicação desse método. São considerados globais os seguintes métodos: métodos de conto, método ideovisual de Decroly, método natural Freinet, a metodologia de base linguística ou psicolinguística, etapas de uma unidade, alfabetização a partir de palavra-chave, método natural, síntese dos passos de aplicação e o método Paulo Freire. Em todos esses métodos o professor deverá partir de textos ou orações até chegar às letras, ou seja, do maior para o menor. Mas, afinal qual é o melhor método?

Não há uma resposta pronta e acabada. Cabe ao professor conhecer seus alunos e tomar a decisão de qual método adotar em sala de aula. Caso o professor não tenha resultado com nenhum dos dois métodos apresentados acima ainda tem a opção de trabalhar os métodos analítico-sintéticos, ou seja, a mistura do global ou analítico com o sintético, no qual o professor ensina a consciência fonológica junto com o processo de ensinar a ler e escrever a partir de história ou orações. É então necessário muito estudo e dedicação por parte do professor quando assumir a responsabilidade de alfabetizar uma turma, visto que as crianças possuem formas de aprendizagem diferentes e o melhor método para uma criança pode ser ruim para outra. Não existe uma receita pronta de como alfabetizar, nem estudos que comprovem que um método mais seja mais eficiente que outro. Cabe ao professor à responsabilidade de fazer o melhor para obter sucesso no processo de alfabetização de sua turma. **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS** Com o que foi escrito até aqui, crê-se ser possível concluir que a alfabetização é um processo de ensino aprendizagem, que tem como objetivo levar à pessoa a aprendizagem inicial da leitura e escrita. Sendo assim, a pessoa alfabetizada é aquela que aprendeu habilidades básicas para fazer uso da leitura e da escrita. Foi

possível observar também que para tornar os alunos alfabetizados existem vários métodos que podem ser classificados como sintéticos e analíticos ou globais. Os métodos sintéticos são aqueles em que o professor começa a ensinar do menor para maior, ou seja: das letras para os textos e orações. Já nos métodos analíticos ou globais o professor começa a ensinar pelo caminho inverso, do maior para o menor, ou seja, dos textos ou orações para as letras. Foi enfatizado que na escolha do método de alfabetização é preciso levar em conta que cada criança tem seu ritmo e sua maneira própria de aprender. Assim, a forma de um professor ensinar para uma criança às vezes precisa ser diferente de uma outra, porque um método pode ser bom para alfabetizar uma criança, porém, pode não ser o melhor para a aprendizagem da outra. Sendo assim, não existe uma receita pronta de alfabetização, cabendo ao professor muito estudo e dedicação para fazer o melhor para alfabetizar a sua turma. A aprendizagem não é feita de certezas, mas de inquietações, de crises e dúvidas que nos projetam às novas descobertas. Nesta constatação, observamos que na atuação do professor é necessário que seja incorporado como característica essencial, a atenção para cada sujeito. Observando atentamente os processos de ensino-aprendizagem identificamos sua evolução ou algumas dificuldades presentes. Para tanto, cada educador deve ter consciência sobre sua inconclusão e a convicção de que não há um limite cognitivo, uma estabilidade, mas sucessivos progressos. Deste jeito, é essencial que vivamos em constante formação e busca de saberes. A atuação do educador no processo educativo deve estar centrado em princípios de humildade e reconhecimento do conhecimento cultural e histórico do educando. Ao ler podemos interagir e desfrutar com criticidade do pensamento dos outros, enquanto que, ao escrever, podemos comunicar com autonomia e criatividade o próprio conhecimento, exercendo a habilidade do letramento e sua função social. Por tudo isso, é indispensável que se alfabetize letrando, ou seja, reconstruir a leitura e a escrita a partir do mundo vivenciado, criando um agradável vínculo através de práticas reais, contextualizadas e significativas. Acreditando que todos têm possibilidades de aprimoramento e dependemos uns dos outros para nos constituirmos em uma sociedade melhor. **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** - CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu: Pensamento e Ação no Magistério**. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 1998. - CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar: Um Diálogo entre a Teoria e a Prática**. 5. Ed. Rio de Janeiro Vozes, 2008. - CORREA, Djane Antonucci, SALCH, Bailon de Oliveira e et. al. **Práticas de Letramento: Leitura, escrita e discurso**. 1. Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2007. - FERREIRO, Emília. **Reflexões Sobre a Alfabetização**. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2001. - ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional**. São Paulo: Terra, 1996. - AZENHA, Maria da Graça. **Imagens e Letras: Ferreiro e Luria, duas teorias psicogenéticas**. 3ed. São Paulo: Ática, 1997. - SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos**. - TEBEROSKY, Ana; CARDOSO, Beatriz. **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. *Cláudia Lais Costa Da Silva Campos (autora)

cacau_lais@hotmail.com

. Membro do grupo de Pesquisa GPGFOP Orientadora Prof. Msc. em Comunicação e Educação pela Universidade Tiradentes e Especialista em Teorias do Texto pela Universidade Federal de Sergipe

** Lenalda Dias Dos Santos (co-autora)lenalda@infonet.com

.br

. Possui graduação em Química Bacharelado pela Universidade Federal de Sergipe (1984), graduação em Química pela Universidade Federal de Sergipe (1976) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2001). Atualmente é Diretora Acadêmica da Faculdade Pio Décimo, Membro da Comissão de Planejamento Estratégico da Faculdade Pio Décimo, Membro da Comissão Própria de Avaliação da Faculdade Pio Décimo e Membro do Corpo Editorial da Revista Científica de Estudos e Debates - Faculdade Pio Décimo. É Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe, Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Estadual de Educação, Membro do Conselho da Fundação Engenheiro José Carvalho e Membro Titular do Conselho Estadual de Acompanhamento e Controle Social do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - CEACS/FUNDEB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu: Pensamento e Ação no Magistério**. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 1998. - CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar: Um Diálogo entre a Teoria e a Prática**. 5. Ed. Rio de Janeiro Vozes, 2008. - CORREA, Djane Antonucci, SALCH, Bailon de Oliveira e et. al. **Práticas de Letramento: Leitura, escrita e discurso**. 1. Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2007. - FERREIRO, Emília. **Reflexões Sobre a Alfabetização**. 24. Ed. São Paulo: Cortez, 2001. - ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional**. São Paulo: Terra, 1996. - AZENHA, Maria da Graça. **Imagens e Letras: Ferreiro e Luria, duas teorias psicogenéticas**. 3ed. São Paulo: Ática, 1997. - SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos**. - TEBEROSKY, Ana; CARDOSO, Beatriz. **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

*Cláudia Lais Costa Da Silva Campos (autora) cacau_lais@hotmail.com

. Membro do grupo de Pesquisa GPGFOP Orientadora Prof. Msc. em Comunicação e Educação pela Universidade Tiradentes e Especialista em Teorias do Texto pela Universidade Federal de Sergipe

** Lenalda Dias Dos Santos (co-autora)lenalda@infonet.com

.br

. Possui graduação em Química Bacharelado pela Universidade Federal de Sergipe (1984), graduação em Química pela Universidade Federal de Sergipe (1976) e Mestrado em Educação pela

Universidade Federal da Paraíba (2001). Atualmente é Diretora Acadêmica da Faculdade Pio Décimo, Membro da Comissão de Planejamento Estratégico da Faculdade Pio Décimo, Membro da Comissão Própria de Avaliação da Faculdade Pio Décimo e Membro do Corpo Editorial da Revista Científica de Estudos e Debates - Faculdade Pio Décimo. É Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe, Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Estadual de Educação, Membro do Conselho da Fundação Engenheiro José Carvalho e Membro Titular do Conselho Estadual de Acompanhamento e Controle Social do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - CEACS/FUNDEB.

Recebido em: 31/05/2016

Aprovado em: 03/06/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: